

Como se fazia um deputado, de França Junior

Fonte:

JÚNIOR, França. Como se fazia um deputado, Caiu o Ministério! As Doutoradas. Rio de Janeiro : Ediouro, 1985. p.9-53.

Texto proveniente de:

Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado pela voluntária:

Selma Suely Teixeira – Curitiba/PR

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para mais informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <parceiros@futuro.usp.br> ou <voluntario@futuro.usp.br>.

COMO SE FAZIA UM DEPUTADO França Junior

Comédia em três atos

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro no Teatro Recreio Dramático, em 14 de abril de 1882.

Personagens

Major Limoeiro
Tenente-Coronel Chico Bento, do Pau Grande
Henrique, bacharel em Direito
Domingos, escravo de Limoeiro
Gregório, professor público da freguesia do Barro Vermelho
Custódio Rodrigo, juiz de paz da mesma freguesia
Flávio Marinho, inspetor de quarteirão, idem
Pascoal Basilicata, italiano
Rasteira-Certa, capanga de eleições
Arranca-Queixo, idem
Pé-de-Ferro, idem, idem
1º Votante
2º Votante
Dona Perpétua, mulher de Chico Bento
Rosinha, sua filha

Atores

Senhor Bahia
Senhor Araújo
Senhor Galvão
Senhor Teixeira
Senhor Colás
Senhor Florindo
Senhor Cruz
Senhor Montani
Senhor Costa
Senhor Melo
Senhor Silva
Senhor Alfredo
Senhor Pereira
Dona Clélia
Dona Fanny

Escravos e escravas da Fazenda do Riacho Fundo, votantes, capangas, povo, etc.,etc.

A ação passa-se no interior da Província do Rio de Janeiro.

Ato Primeiro

O teatro representa o terreiro da Fazenda do Riacho Fundo. À esquerda, vê-se a varanda da casa com janelas e portas, que dão para a cena: à direita, árvores; ao fundo, morros com plantações de café.

Cena I
Major Limoeiro e Domingos

(Ao subir o pano, estão em cena escravos e escravas da fazenda, com foices e enxadas.)

Coro

Oh! Que dia de pagode
Na fazenda de sinhô!
Sinhozinho chega hoje
Com a carta de doutô!
Nas senzalas satisfeitos,
Aguardente beberemos,
E, à noite, no terreiro
O batuque dançaremos.

Domingos

Com crioulas e mulatas,
No feroz sapateado,
Hei de em casa de meu branco,
Trazer tudo num cortado.

Ninguém bula c'ô Domingos,
Que não é de brincadeira;
Quando solta uma umbigada,
Quando puxa uma fieira.

Coro

Oh! Que dia de pagode, etc.,etc.

(Dançam todos.)

Limoeiro - *(Que durante a cena esfrega as mãos satisfeito, na varanda.)* Esquenta, rapaziada! Vá o pagode arriba! Não quero ninguém aqui na pasmaceira! *(Descendo à cena; a Domingos.)* Logo que sinhozinho apontar no capão do meio ataquem a fogueitaria.

Domingos - Sim, sinhô. Está tudo na orde.

Limoeiro - Onde colocaste a girândola?

Domingos - Na encruzilhada, sim sinhô, do lado da tranqueira. Chii!!! Vosmecê não imagina como está tudo bonito! Tem arco de bambu; coqueiro da banda daqui; coqueiro da banda dali. Caminho está todo capinado e folha de caneta é mato!

Limoeiro - És um Tebas.

Domingos - Um escravo de meu sinhô.

Limoeiro - E então, essa gente do Pau Grande bem ou não vem?

Domingos - Falei ontem com o seu tenente-coroné, sim sinhô, dei o recado de meu sinhô, e ele disse-me que havia de vir com sinhá Dona Perpétua e com sinhá moça Rosinha.

Limoeiro - Já deviam estar cá. O rapaz não tarda. Retirem-se a seus postos. Hoje e amanhã não se pega na enxada. Brinquem, durmam, dancem, façam o que quiserem. Mas fiquem sabendo, desde já, que o que tomar carraspana leva uma tunda mestra.

Domingos - Viva sinhô moço Henrique!

Limoeiro - Viva!

Domingos - Dobrem a língua; digam: viva sinhô moço doutô!

Os negros - Viva sinhô doutô! *(Saem com Domingos.)*

Cena II
Limoeiro, só.

Limoeiro – Até que enfim! Ai vem o rapaz formado, com uma brilhante carreira na frente, e pronto para dar sota e basto (se não for tolo) nesta freguesia, onde a maior capacidade, depois do tenente-coronel Chico Bento com seus latinórios, é este seu criado, que mal sabe ler e escrever, mas que tem ronha como trinta. O rapaz, se quiser ser alguma coisa, há de aprender na minha escola.

Cena III

Os mesmos, Domingos, o Tenente-Coronel, Chico Bento, Dona Perpétua, Rosinha, Uma Criada, *com um crioulinho ao colo*; e um Pajem *fardado com uma caixa de folha debaixo do braço*.

Domingos – (*Correndo com um foguete e um tição de fogo na mão.*) Pararam cinco burros na porteira do curral! É a gente do Pau Grande!

Limoeiro – Veio a família toda. Manda que entrem para cá. (*Domingos sai.*)

Chico Bento – (*Entrando com Dona Perpétua, Rosinha, a crioula e o pajem.*) Ora viva o nosso Major Sebastião! (*Apertando-lhe a mão.*) *Salutis pluribus interesse te valerius.*

Limoeiro – Valério, não senhor, Sebastião Limoeiro, um seu criado. Como vai esta Sé Velha? (*Cumprimenta a Rosinha e a Perpétua.*)

Chico Bento – O rapaz já veio?

Perpétua – Estou ansiosa por vê-lo. (*Para Rosinha.*) Endireita este corpo, sinhá. Nunca vi coisa assim! Não tem jeito para nada!

Rosinha – Mamãe já principia? Se eu soubesse não tinha vindo, está sempre em cima da gente, fucte, fucte, só cutucando.

Perpétua – Vejam só como está este chapéu! (*Admirada.*) O que é que tu tens nesta barriga?

Rosinha – (*Com arrebatamento.*) Uê! Eu sei lá! Foi aquela coisa, que meu padrinho trouxe da cidade.

Perpétua – (*Admirada.*) As anquinhas! Ora vocês estão vendo? Senhor major, dê-me licença que entre, para arranjar esta menina.

Limoeiro – Essa é boa! Sem cerimônia (1), Dona Perpétua! Entre por aí afora. (*Perpétua, Rosinha, a criada e a pajem entram para casa.*)

Cena IV

Limoeiro e Chico Bento

Chico Bento – Finalmente o pequeno tomou juízo! Agora o que é preciso é muito tino e prudência nos negócios da freguesia. *Libertis decuplis et anima nostri in duvido essis.* Isto vai mal, meu major... As eleições estão a bater à porta...

Limoeiro – E não temos ainda um candidato.

Chico Bento – Lá quanto a isto, é o que não falta.

Limoeiro – Dizem por aí que o governo já designou o bicho.

Chico Bento – Há de ser quem quiser este seu criado Matias.

Limoeiro – Apoiado, meu tenente-coronel.

Chico Bento – Pensam, porventura, (2) que hei de consentir que os liberais assaltem a urna a baionetas, como fizeram, há quatro anos, na freguesia do Rabicho? Há de se agüentar no balanço!

Limoeiro – Perdão, meu tenente-coronel, foram os conservadores que, desrespeitando o voto livre e as garantias constitucionais...

Chico Bento – Foram os liberais que, violando o princípio das liberdades públicas...

Limoeiro – Discutamos no terreno dos princípios.

Chico Bento – É para aí que o desafio. Veja o que fez o Barnabé Antunes em sessenta e cinco.

Limoeiro – Sim. O que foi que ele fez?

Chico Bento – Nada mais, nada menos que mandar processar o Antônio Caipora, influência legítima, só para arredá-lo da eleição.

Limoeiro – Ora! Ora!

Chico Bento – Toda a freguesia sabe do fato.

Limoeiro – E o que era o Barnabé Antunes? Conservador.

Chico Bento – Está enganado. O Barnabé Antunes era liberal.

Limoeiro – Enganado está o tenente-coronel. O Barnabé Antunes era liberal em sessenta e dois, virou casaca em sessenta e três, e foi juiz de paz com o Partido Conservador.

Chico Bento – Desta maneira não se pode discutir.

Limoeiro – E o que me diz do Ambrósio da Silveira? Era porventura alguma coisa?

Chico Bento – Foi liberal.

Limoeiro – Nunca! (*Ouve-se ruído de uma girândola.*) Chegou o rapaz!

Cena V

Os mesmos, Perpétua, Rosinha e depois Domingos, Henrique e os negros.

Perpétua – (*Descendo da varanda com Rosinha.*) Que foguetada é esta, major? Parece-me que vem a casa abaixo!

Limoeiro – (*Com alegria.*) É o meu Henrique, é o meu doutor!

Negros – (*Dentro.*) Viva sinhô moço doutô!

Limoeiro – Viva!

Perpétua – (*A Rosinha*) Endireita este pescoço, menina!

Rosinha – Oh! Homem! Que maçada! O pescoço é meu, posso fazer dele o que quiser.

Chico Bento – (*Indo ao fundo.*) Aí vem ele! (*Diversas pessoas correm à varanda da casa e aí se postam.*)

Coro – (*Dentro.*)

Dos nossos braços valentes

Unidos em doce amor,

Façamos forte cadeira

Prá conduzir o doutor.

(*Entram Domingos e os negros, carregando Henrique.*)

Coro

Os seus escravos, meu branco

Que vos amam com ardor

Aqui trazem satisfeitos

Da casa o doce penhor.

Henrique – (*Saltando ao chão, e abraçando Limoeiro.*) Meu tio!

Limoeiro – Meu filho... Sim, por que tu és meu filho, o filho das minhas entranhas.

Chico Bento – (*Levando o lenço aos olhos.*) Estas cenas de família chocam-me extraordinariamente.

Beatus ventris qui te portavis!

Limoeiro – (*Reparando em Henrique.*) Mas que diabo é isto! Estás magro! Para que estudaste tanto, rapaz?

Henrique – Não atribua a minha magreza ao estudo. Mas sim às saudades que me devoravam, longe de vosmecê e destes campos, que me são tão caros.

Rosinha – (*Vendo o estojo do diploma, que Henrique deve trazer a tiracolo.*) Uê, mamãe! Que canudo tamanho é aquele que ele tem?

Perpétua – Que te importas tu com o canudo?

Limoeiro – Quero te apresentar aos nossos amigos do Pau grande. Aposto que já te não lembras do Coronel Chico bento?

Henrique – Muito, muito. Passei dias agradabilíssimos em sua fazenda. Como vai a sua senhora? A sua menina já deve estar moça!

Chico Bento – Olha, aqui está uma e lá está outra. Ambos orentis etats arcados dos ambos

Henrique – (*A Perpétua.*) Minha senhora... (*Apertando-lhe a mão – a Chico Bento.*) Ainda está bem sacudida!

Chico Bento – E eu que o diga.

Perpétua – (*A Rosinha.*) Que moço amável!

Rosinha – (*A Perpétua.*) Pois eu não acho, enquanto não souber o que é que ele tem dentro daquele canudo.

Henrique – (*Para Limoeiro.*) E quem é esta interessante mocinha?

Limoeiro – Pois não conheces? Ora, não conhecerás tu outra coisa! (*Rosinha esconde-se atrás de Perpétua.*)

Perpétua – É minha filha. (*Para Rosinha baixo.*) Passa para a frente, menina. Que modos são estes?!

Henrique – (*Procurando vê-la.*) É um rosto encantador.

Chico Bento - Dizem todos que é o retrato do pai.

Perpétua – (*Baixo a Rosinha*) Passa para a frente, menina!

Rosinha – Não quero, está.

Limoeiro – (*A Domingos.*) Logo que escurecer, venham colocar as lanternas na varanda, acendam as fogueiras, e batuquem à grande.

Domingos – Sim, sinhô.

Coro –

Vamos, vamos, sem demora,

As lanternas preparar;

Pois está chegada a hora

Do batuque começar.

Oh que dia de pagode

Na fazenda de sinhô!

Sinhozinho já chegou

Com a carta de doutô!

Limoeiro – (*Aos negros, que saem com Domingos.*) Vão rapazes. (*para Henrique.*) O que é que trazes nesta folha?

Henrique - A minha carta de bacharel, (*Tira dos ombros e dá-lha.*) a qual dedico-lhe, em prova dos muitos sacrifícios que tem feito pela minha felicidade.

Limoeiro – Obrigado, meu filho. (*Abre a caixa, tira a carta e examina-a.*)

Perpétua – Agora já sabe o que é?

Rosinha – Nunca vi carta daquele tamanha! Olhe, mamãe, tem uma fita e uma coisa dependurada até embaixo!

Limoeiro – (*Esfregando a carta entre os dedos.*) Isto não é papel.

Chico Bento – É pergaminho.

Perpétua – (*Também examinando a carta.*) O que é pergaminho?

Chico Bento – É um papel feito de couro.

Rosinha – (*Para Perpétua.*) Mas não é couro de burro, mamãe?

Limoeiro – Quem há de dizer que é com este couro, que se têm formado os homens mais importantes deste país! (*Entrega a carta a Henrique.*) Minhas senhoras, tomem conta da casa; vão lá para dentro e dirijam aquilo como se estivessem em sua fazenda. (*Para Henrique.*) Quanto a ti, deves estar estafado da viagem, apesar de que vieste montado no Diamante, que é o primeiro burro destas dez léguas em redor. Vai mudar de roupa.

Henrique – (*A Chico Bento.*) Se me dá licença...

Chico Bento – Essa é boa! (*Saem Henrique, Perpétua e Rosinha.*)

Cena VI

Limoeiro e Chico Bento

Limoeiro – Então o que diz do nosso doutor?

Chico Bento – Não é de todo desajeitado.

Limoeiro – Desajeitado! É um rapaz de talento!

Chico Bento - E diga-me cá uma coisa: a respeito de política, quais são as idéias dele?

Limoeiro – Tocou o tenente-coronel justamente no ponto que eu queria ferir.

Chico Bento - Omnibus tulit puntos, quis miscuit util et dolcet.

Limoeiro – (*Gritando.*) Olá de dentro? Tragam duas cadeiras. O negócio é importante, devemos discutir com toda a calma.

Chico Bento - Estou às ordens. (*Entra um negro e põe as duas cadeiras em cena.*) Tem a palavra o suplicante. (*Sentam-se.*)

Limoeiro – Tenente-coronel, cartas na mesa e jogo franco. É preciso arrumar o rapaz; e não há negócio, neste país, como a política. Pela política cheguei a major e comendador, e o meu amigo a tenente-coronel e a inspetor da instrução pública cá da freguesia.

Chico Bento – Pela política, não, porque estava o partido contrário no poder; foi pelos meus merecimentos.

Limoeiro – Seja como for, fato é que, apesar de estar o meu partido de cima, o tenente-coronel é e será sempre a primeira influência do lugar. Mas vamos ao caso. Como sabe, tenho algumas patacas, não tanto quanto se diz...

Chico Bento - Oxalá que eu tivesse só a metade do que possui o major.

Limoeiro – Ouro é o que ouro vale. Se a sorte não presenteou-o com uma grande fortuna, tem-lhe dado, todavia, honras, considerações e amigos. Eu represento o dinheiro; o tenente-coronel a influência. O meu partido está escangalhado, e é preciso olhar seriamente para o futuro de Henrique, antes que a reforma eleitoral nos venha por aí.

Chico Bento – Quer então que...

Limoeiro – Que o tome sob a sua proteção quanto antes, apresentando-o seu candidato do peito nas próximas eleições.

Chico Bento – *Essis modus in rebus.*

Limoeiro – Deixemo-nos de latinórios. O rapaz é meu herdeiro universal, casa com a sua menina, e assim conciliam-se as coisas da melhor maneira possível.

Chico Bento – (*Com alegria concentrada.*) Confesso ao major que nunca pensei em tal; uma vez, porém, que este negócio lhe apraz...

Limoeiro – É um negócio, diz muito bem; porque, no fim de contas, estes casamentos por amor dão sempre em água de barreira. O tenente-coronel compreende... Eu sou liberal... o meu amigo conservador...

Chico Bento – Já atinei! Já atinei! Quando o Partido Conservador estiver no poder...

Limoeiro – Temos o governo em casa. E quando o Partido Liberal subir...

Chico Bento – Não nos saiu o governo de casa.

Limoeiro – (*Batendo na coxa de Chico Bento.*) Maganão.

Chico Bento - (*Batendo-lhe no ombro.*) Vivório! E se se formar um terceiro partido? ... Sim, porque devemos prevenir todas as hipóteses...

Limoeiro – Ora, ora... Então o rapaz é algum bobo?! Encaixa-se no terceiro partido, e ainda continuaremos com o governo em casa. O tenente-coronel já não foi progressista, no tempo da Liga?

Chico Bento – Nunca. Sempre protestei contra aquele estado de coisas; ajudei o governo, é verdade, mas no mesmo caso está também o major, que foi feito comendador naquela ocasião.

Limoeiro – É verdade, não o nego; mudei de idéias por altas conveniências sociais. Olhe, meu amigo, se o virar casaca fosse crime, as cadeias do Brasil seriam pequenas para conter o inúmeros criminosos que por aí andam.

Chico Bento – Vejo que o major é homem de vistas largas.

Limoeiro – E eu vejo que o tenente-coronel não me fica atrás.

Chico Bento – Então casamos os pequenos...

Limoeiro – Casam-se os nossos interesses...

Chico Bento – Et coetera e tal...

Limoeiro – Pontinhos... (*Vendo Henrique.*) Aí vem o rapaz, deixe-me só com ele.

Chico Bento - *Fiam voluntatis tue. Vou mudas estas botas. (Sai.)*

Cena VII

Limoeiro e Henrique

Henrique – Como se está bem aqui! Disse um escritor que a vida da roça arredonda a barriga e estreita o cérebro. Que amargo epigrama contra esta natureza grandiosa! Eu sinto-me aqui poeta.

Limoeiro – Toma tenência, rapaz. Isto de poesia não dá para o prato, e é preciso que te ocupes com alguma coisa séria.

Henrique – Veja, meu tio, como está aquele horizonte; o sol deita-se em brilhantes coxins de ouro e púrpura, e a viração, embalsamada pelo perfume das flores, convida a alma aos mais poéticos sonhos de amor.

Limoeiro – Está bom, está bom. Esquece estes sonhos de amor, que no fim de contas, são sempre sonhos, e vamos tratar da realidade. Vira-te para cá. Deixa o sol, que tens muito para ver, e responde-me ao que te vou perguntar.

Henrique – Estou às suas ordens
Limoeiro – Que carreira pretendes seguir?
Henrique – Tenho muitas diante de mim ... a magistratura...
Limoeiro – Podes limpar as mãos à parede.
Henrique – A advocacia, a diplomacia, a carreira administrativa...
Limoeiro – E esqueceste a principal, aquela que pode elevar-te às mais altas posições em um abrir e fechar de olhos.
Henrique – O jornalismo?
Limoeiro – A política, rapaz, a política! Olha, para ser juiz municipal, é preciso um ano de prática; para seres juiz de direito tens de fazer um quadriênio; andarás a correr montes e vales por todo este Brasil, sujeito aos caprichos de quanto potentado e mandão há por aí, e sempre com a sela na barriga! Quando chegares a desembargador, estarás velho, pobre, cheio de achaques, e sem esperança de subir ao Supremo Tribunal de Justiça. Considera agora a política. Para deputado não é preciso Ter prática de coisa alguma. Começas logo legislando para o juiz municipal, para o juiz de direito, para o desembargador, para o ministro do Supremo Tribunal de Justiça, para mim, que sou quase teu pai, para o Brasil inteiro, em suma.
Henrique – Mas para isso é preciso...
Limoeiro – Não é preciso coisa alguma. Desejo somente que me digas quais são as tuas opiniões políticas.
Henrique – Foi coisa em que nunca pensei.
Limoeiro – Pois olha, é mais político do que eu pensava. É preciso, porém, que adotes um partido, seja ele qual for. Escolhe.
Henrique – Neste caso serei do partido de meu tio.
Limoeiro – E por que não serás conservador?
Henrique – Não se me dá de sê-lo, se for de seu agrado.
Limoeiro – Bravo! Pois fica sabendo que serás ambas as coisas.
Henrique – Mas isto é uma indignidade!
Limoeiro – Indignidade é ser uma coisa só!

Cena VIII Os mesmos e Chico Bento

Chico Bento – (*Entrando alegre.*) Já dei parte à menina, e à senhora: está tudo arranjado! E o que diz o nosso doutor?
Limoeiro – Ah! Ele está por tudo quanto eu quiser.
Chico Bento – Então, deixe-me abraçá-lo já como meu filho.
Henrique – Como seu filho?! Que diabo de trapalhada é esta?
Chico Bento – (*A Limoeiro.*) Pois ainda não lhe disseste?
Limoeiro – Ainda não; mas é o mesmo. (*Para Henrique.*) Meu Henrique, prepara-te para tomar estado.
Henrique – Mas isto assim, à queima-roupa?
Limoeiro – É desta maneira que eu gosto de arranjar as coisas, zás-trás, nó cego.

Cena IX Chico Bento, Limoeiro, Henrique, Rosinha e Perpétua

Limoeiro – (*Trazendo Rosinha pela mão.*) Aqui está a tua noiva.
Rosinha – (*Puxando a mão com força.*) Eu não gosto destas brincadeiras comigo.
Perpétua – Menina, tenha modos.
Rosinha – (*A Perpétua.*) Eu já disse que não quero: e quando eu digo que não quero, é porque não quero mesmo. É à toa, escusa de estar nhen-nhen-nhen em cima da gente.
Henrique – (*A parte.*) Mas que papel represento eu?
Limoeiro – (*Baixo a Perpétua.*) O verdadeiro é deixá-los sós. Tenente-coronel, enquanto não chegam os convidados para a festa, vamos dar um passeio pelo laranjal. Ande, venha, Dona Perpétua.
Rosinha – (*Baixo, a Perpétua.*) Eu não fico aqui sozinha com este homem.
Perpétua – Espera, menina, eu já venho.

Rosinha – (*Baixo.*) Não quero.
Perpétua – (*Baixo.*) Vejam só que tola! Conversa com o moço, que tu hás de gostar dele...
Rosinha – Que me importa lá com o moço! Eu não como em casa dele.
Perpétua – (*Baixo.*) Pois bem: fique aí e não me conte mais histórias.
Rosinha – Eu fico, mas não falo com ele. Ele pode dizer o que quiser, que entra por aqui e sai por ali.
Limoeiro – Vamos, Dona Perpétua, antes que chegue a hora de jantar.

Cena X Henrique e Rosinha

Henrique – (*À parte.*) Que diabo hei de eu dizer a esta pamonha?
Rosinha – (*À parte.*) Se tu esperar que te puxe pela língua, estás mal enganado.
Henrique – (*À parte.*) Vou perguntar-lhe que horas são.
Rosinha – (*À parte.*) Estou quase perguntando-lhe que coisa é aquela que ele tem dependurada na carta.
Henrique – (*À parte.*) Mas agora reparo que ela é bem interessante. Lindos olhos, cílios brandamente arqueados...
Rosinha – (*À parte.*) Uê! Como ele olha para a gente!
Henrique – (*À parte.*) Cintura fina e delgada, cabelos castanhos... Decididamente não é nenhuma asneira.
Rosinha – (*À parte.*) Agora lá para que digamos, ele não é muito feio. Moreninho, cabelos encaracolados...
Henrique – (*À parte.*) Eu vou dirigir-lhe a palavra.
Rosinha – (*À parte.*) Se ele falar, eu respondo.
Henrique – (*À Rosinha.*) Ô sinhá! (*Rosinha finge que não ouve.*) Saiu! Ô sinhá? (*Henrique segura-lhe na cintura.*)
Rosinha – (*Esquivando-se.*) Não me cutuque, que eu vou contar a mamãe.
Henrique – Não fuja, não quero fazer-lhe mal. Olhe, sinhá, olhe para mim.
Rosinha – (*Com maus modos.*) Eu não me chamo sinhá.
Henrique – Não se zangue.
Rosinha – O senhor sabe muito bem meu nome.
Henrique – Dona Rosinha?
Rosinha – O que quer?
Henrique – (*Aproximando-se.*) Quero dizer-lhe que...
Rosinha – (*Afastando-se.*) Chegue-se para lá; fale de longe que eu não sou surda.
Henrique – (*À parte.*) E não é que o diabinho da menina é bem interessante. (*Alto.*) Quero dizer-lhe que a senhora é a rosa mais encantadora destes prados, e que faz morrer de inveja e de ciúmes todas as flores que a cercam.
Rosinha – O senhor está caçoando com a gente.
Henrique – Estou-lhe abrindo o meu coração. Há algumas horas apenas que a conheço e confesso que sinto-me cativo de tanta singeleza.
Rosinha – Ó gente! Então hoje é a primeira vez que o senhor me vê?
Henrique – Creio que xim.
Rosinha – Então o senhor come muito queijo! Pois não se lembra que já estive no Pau grande caçando pombas? Eu até tenho ainda uma boneca que o senhor me deu.
Henrique – E, desde essa época, tem me conservado sempre em tua lembrança?
Rosinha – (*Vexada.*) Não sei...
Henrique – Então por que censura-me por não havê-la reconhecido? É porque seus lábios não ousam dizer o que o coração sente.
Rosinha – Nem tudo o que se sente, se diz.
Henrique – Dona Rosinha, parece-me que meu tio não é tão tirano como eu pensava, por haver ajustado este casamento, sem consultar a nossa vontade. A sua candura inspira-me, e creio que serei muito feliz, aluando o meu futuro ao seu. Quer casar comigo?
Rosinha – Não sei...
Henrique – (*Segurando-lhe a mão.*) Responda.
Rosinha – Aí vem papai. (*Sem poder tirar a mão da de Henrique.*)

Cena XI
Os mesmos, Chico Bento, Perpétua e Limoeiro

Chico Bento – (*Vendo Henrique segurando a mão de Rosinha.*) Venham, venham depressa, que o negócio está concluído! Jam proximus ardet.

Rosinha – (*Assustada.*) Eu não lhe disse?!

Limoeiro – Não vai mal, senhor doutor!

Henrique – Sou da escola de meu tio! Zás-trás, nó cego.

Perpétua – (*Baixo a Rosinha.*) Eu não te disse que o moço era bom?

Chico Bento – Agora só falta o – finis coronnat opus – ou o – Ite consummatum este.
(*Ouve-se música dentro.*)

Cena XII
Rosinha, Henrique, Perpétua, Limoeiro, Chico Bento, Gregório, Custódio e Flávio Marinho

(*Gregório, Custódio e Flávio Marinho entram seguidos de uma banda de música precedida de um estandarte em que se lê: “Philarmonica Recreios do Pau Grande.”*)

Rosinha – Chi! Mamãe, temos música!

Gregório – Viva o doutor que acaba de chegar.

Custódio e Flávio Marinho – Viva!

Gregório – Saúde, paz e tranqüilidade, eis o que desejo ao transpor os umbrais da residência do muito alto e nobre Senhor Major Limoeiro.

Limoeiro – Ora viva o Senhor Gregório. (*Para Henrique.*) Aqui te apresento o Senhor Gregório Simplício Anacoreta dos Goitacazes, distinto professor público da freguesia de Santo Antonio do Barro Vermelho.

Henrique – Tenho muita honra em conhecer o digno preceptor da nossa mocidade.

Limoeiro – (*Baixo a Henrique.*) Olha que é afilhado do vigário, e o primeiro eleitor cá da freguesia.

Henrique – A fama de sua inteligência e de sua ilustração é apregoada por todos.

Limoeiro – (*À parte.*) Bravo! O rapaz tem dedo para o negócio. (*Alto.*) Este é o Senhor Custódio Rodrigo Netuno, do Mar de Hespanha, primeiro juiz de paz mais votado e digno membro do nosso eleitorado.

Henrique – Já o conhecia de tradição pelos serviços prestados à causa pública...

Limoeiro – (*Baixo a Henrique.*) A guerra do Paraguai...

Henrique – À guerra do Paraguai...

Limoeiro – (*Baixo a Henrique.*) E à epidemia das bexigas.

Custódio – Favores dos meus concidadão.

Limoeiro – Aquele é o Senhor Flávio Marinho, do Rio das Mortes, inspetor de quarteirão, boticário, procurador da Capela das Mercês e arrematante das rendas municipais.

Henrique – Saúde o distinto financeiro.

Limoeiro – (*Baixo a Henrique.*) E muito digno representante do partido da ordem.

Henrique – E muito digno representante do partido da ordem.

Flávio – Vossa Excelência confunde-me.

Gregório – (*Consertando a garganta.*) Senhor Major Limoeiro. Os nossos amigos que se acham presentes, querendo tributar elevada homenagem aos soberano anfitrião, que acaba de chegar das montanhas da Paulicéia, coroado com os louros virentes da sabedoria, incumbiram-me, a mim, humilde professor público desta freguesia, de saudar tão grande dia, saudando ao mesmo tempo o ditoso tio, que vê tão ditoso sobrinho em tão ditosa carreira. Ditosa condição, ditosa gente, como diz o poeta! Viva o Senhor Doutor Henrique. (*Toca a música.*) Agora hão de permitir que recite uma colcheia de minha lavra.
(*Tira um papel do bolso e lê.*)

Mote

Alegrou-se a mocidade
Com a chegada do doutor

Glosa

Ser escravo jamais há-de

O Império brasileiro!
Com o filho do Limoeiro
Alegrou-se a mocidade;
Seu nome à posteridade
Há de chegar sem temor

Cheio de glória e louvor,
Pois nada o Riacho Fundo
Cheio de gozo profundo
Com a chegada do doutor.

Todos – (*Menos Henrique.*) Viva!

Gregório – Viva o muito honesto e popular Major Limoeiro.

Todos – (*Menos Limoeiro e Henrique.*) Viva!

Gregório – Viva o Senhor Tenente-Coronel Chico Bento do Pau Grande.

Todos – (*Menos Chico Bento.*) Viva!

Limoeiro –

Meus senhores, o jantar nos espera. À mesa.
Vamos, vamos, meus senhores
Para a sala de jantar,
Entre flores e iguarias
Este dia festejar.

Coro -

Entre flores e iguarias
Beberemos com ardor
À ventura do major
E à saúde do doutor.

(Entram todos para casa ao som da música.)

(Cai o pano.)

Ato Segundo

O teatro representa a Praça da Freguesia de Santo Antônio do Barro Vermelho: ao fundo, a matriz; à direita e à esquerda, casas com portas para a cena. Ao subir o pano, acham-se diversas pessoas na praça: grupos à porta da igreja e ao lado das casas.

Cena I

Coro de capangas

Que o voto é livre
Ninguém duvida!
Por nossos amos
Demos a vida.

Pra todo aquele
Que for canalha,
Cacete em punho,
Boa navalha.

Sejamos fortes
Em cabalar,
Que bom dinheiro

Vamos ganhar.

Pra todo aquele
Que for canalha,
Cacete em punho,
Boa navalha.

(Dispersam-se, entrando uns nas casas, outros na igreja.)

Cena II Henrique, Limoeiro e depois Domingos

Limoeiro – Parece-me que o negócio vai correndo às mil maravilhas.

Henrique – Fie-se nessa. Não viu o sarilho que andou lá por dentro ainda há pouco?

Limoeiro – E o sujeito votou ou não votou?

Henrique – Votou; mas eu não queria estar na pele.

Limoeiro – Onde está o Domingos?

Henrique – Na Igreja.

Limoeiro – Vai também para lá, chama-me o Domingos, e dá estas listas (*Dando-lhas.*) ao Flávio Marinho, para entregar ao João Correa. Não abandones a urna. Olha, coloca-te ao lado do Rasteira-Certa e do Arranca-Queixo, logo que houver rolo. (*Henrique sai.*) É preciso muito tino e sangue-frio.

Domingos – (*Saindo da igreja.*) Pronto, meu sinhô.

Limoeiro – (*Tirando a lista dos votantes e lendo.*) Antônio José da Purificação, Anastácio Antonio da Silva, Felipe dos Reis, José... José Antônio... Cá está. Manoel Maneco Manduba de Mandiroba. (*Para Domingos.*) Tome sentido neste nome. Quando gritarem por ele, vosmecê apresente-se e entregue esta lista. (*Dá-lhe a lista.*) Entendeu?

Domingos – Sim, sinhô.

Limoeiro – Repita. Como é seu nome, agora?

Domingos – É Domingos, sim, sinhô.

Limoeiro – Ó cabeça de burro, pois eu não acabo de dizer que você é Manoel Maneco Manduba de Mandiroba?

Domingos – Ah! Agora já sei, sim sinhô. Eu me chamo seu Mané Maneco.

Limoeiro – Muito bem. Veja lá, quando entregar a lista, se vai dizer, como o negro do Ribeiro: aqui está biete que siô moço seu Zé Ribeiro mandou pra sinhô.

Domingos – Eh! Eh! Domingos não é negro novo. Eu já não tem votado tantas vezes?

Cena III

Os mesmos, Chico Bento, Henrique, Gregório, Custódio, Flávio Marinho, 1º votante, acompanhados de povo, saindo da igreja aos empurrões.

Povo – É fósforo! É fósforo!

Chico Bento – É o próprio e idêntico!

Henrique – É muito conhecido na freguesia!

Povo – É fósforo! É fósforo!

Gregório – À ordem, senhores!

Cena IV

Os mesmos, Pé-de-Ferro, Rasteira-Certa e Arranca-Queixo

Pé-de-ferro – (*A Henrique.*) Pode falar grosso, senhor doutor, que o Pé-de-Ferro cá está com o Arranca-Queixo.

Arranca-Queixo – O cidadão prestante há de votar.

Povo – É fósforo! É fósforo! Não vota!

Rasteira-Certa – Não é fósforo! É o próprio e idêntico; veve e reséde neste município.

Limoeiro – (*Baixo a Domingos.*) Toma estas listas. (*Dá-lhas.*) Aproveita o barulho, e ataca tudo na urna.

Henrique – Respeitem as garantias constitucionais!

Limoeiro – Ordem, senhores! Eu conheço o homem, deixem-no votar. Perca-se tudo, mas salve-se a moralidade pública!

Pé-de-Ferro – Apoiado!

1º Votante – Vamos para dentro. (*Retiram-se todos, menos Limoeiro e Chico Bento.*)

Cena V

Limoeiro e Chico Bento

Chico Bento - Major, o negócio está muito feio!

Limoeiro – Deixe correr o marfim. Trabalhe cada um para seu lado que afinal dá tudo certo.

Chico Bento – É verdade. Uma vez que o rapaz saia...

Limoeiro – Estamos nós dentro.

Cena VI

Os mesmos, Flávio, 2º Votante

Flávio – (*Gritando da igreja.*) Jerônimo Tabu da Silva.

2º Votante – (*Saindo da esquerda.*) Pronto!

Chico Bento – Tome lá. (*Entrega-lhe uma lista.*)

2º Votante – Olhe, compadre, só para lhe servir. É triste ser pobre. Muito custa a ganhar a vida com honra! Com esta fazem quatro vezes que voto hoje. (*Entra para a igreja.*)

Chico Bento – (*Vendo a lista.*) Este já se pode riscar.

Limoeiro – E pode riscar também o Tenente Felício.

Chico Bento – Um dos esteios do partido da ordem!

Limoeiro – É verdade, não vota hoje, não, mas é o mesmo; mandei processá-lo, como vagabundo, por andar parado na rua de noite fora de horas.

Chico Bento – Pois fê-la bonita! Perdemos com ele toda a votação da gente da Samambaia e da Grota Funda.

Limoeiro – Grande prejuízo! Perdemos esses votos, mas ganhamos todos do Partido Liberal, sem contar com o recheio que mandei o Domingos meter na urna.

Chico Bento – Major, você é de todos os diabos.

Cena VII

Chico Bento, Limoeiro e Domingos

Domingos – (*Saindo da Igreja.*) Estará tudo dentro, sim senhô.

Limoeiro – Fica aí que não tarda a chegar a tua vez de votar.

Chico Bento – Pois o major manda o escravo votar?

Limoeiro – Essa é boa! E por que não? E se o rapaz for eleito, ele já sabe, dou-lhe a carta de liberdade.

Chico Bento – Deus queira! Deus queira!

Cena VIII

Limoeiro, Chico Bento, Domingos e Flávio

Flávio – *(À porta da igreja.)* Manoel Maneco Manduba de Mandiroba?

Domingos – Pronto!

Limoeiro – *(Baixo a Domingos.)* Anda, não te esqueças do nome. *(Domingos entra na igreja.)*

Chico Bento – Vejamos a trovoadá!

Cena IX

Os mesmos, Henrique, Gregório, Custódio, Flávio, 1º Votante, Pé-de-Ferro, Rasteira-Certa, Arranca-Queixo

(Acompanhados pelo povo, no meio de grande desordem.)

Povo – Fora o negro! É fósforo! *(Assobiam.)*

1º Votante – Eu bem o conheço. É o escravo do major.

Povo – Salta, tição!

Limoeiro – Perca-se tudo, senhores, mas salve-se a moralidade pública! Deixem o cidadão livre e independente votar!

1º Votante – É um desaforo! Homessa!!

Povo – É fósforo! É fósforo!

Custódio – Atenção, senhores!

1º Votante – Não queremos palanfrórios!

Henrique – Deixem falar o orador.

Custódio – Em nome da paz da freguesia, em nome de meus concidadãos, em nome da nossa honra, em nome da tranquilidade pública, devemos respeitar o direito do cidadão.

Henrique – Apoiado.

1º Votante – Não apoiado.

Arranca-Queixo – O homem há de votar; não turrem. E quem decéde aqui está! *(Mostra o cacete.)*

Custódio – Eu asseguro-lhes que o suplicante é o mesmo Manoel Maneco Manduba de Mandiroba.

Povo – Não é! Não é!

Arranca-Queixo – Haja rolo!

Pé-de-Ferro – Haja!

(Trava-se um conflito de pedradas e cacetadas; intervém a guarda e retiram-se todos em debandada, entrando alguns na igreja e outros nas casas laterais. Chico Bento entra em uma das casas. Henrique, Domingos e Limoeiro entram na igreja.)

Cena X

Perpétua e Rosinha

(Que entram em cena, na ocasião em que se dispersa o povo.)

Perpétua – Onde estará o meu homem, meu Senhora Bom Jesus?

Rosinha – Eu não disse a mamãe que não viesse se meter neste angu?

Perpétua – Deram-me um murro na cacunda, que quase deitei a alma pela boca fora!

Rosinha – E eu, por um triz que não levei uma pedrada na barriga. Passou ventando, viim! Que nem uma bala.

Perpétua – Onde está aquele homem, meu Deus? Fico com o coração do tamanho de uma pulga, todas as vezes que ele se mete em eleições!

Rosinha – Estou aqui que nem posso.

Perpétua – Parece-me que o vejo a cada momento entrar pela casa adentro com as ventas esmurradas, ou com alguma faca nas tripas.

Rosinha – E eu que sonhei, esta noite, que tinham descadeirado seu Henrique, na igreja, com uma carga de chumbo grosso que lhe arrumaram?

Cena XI
As mesmas, Henrique e depois Limoeiro e Chico Bento

Henrique – (*Saindo da igreja.*) Oh! Minhas senhoras, o que vieram cá fazer?

Chico Bento – (*Espiando da porta.*) Está tudo acabado?

Perpétua – Chico, não estás ferido?

Chico Bento – Retire-se, senhora, que isto daqui a pouco está um dilúvio de sangues.

Limoeiro – (*Saindo da igreja.*) Eu não disse que o Domingos havia de votar? Lá está a cédula na urna, batidinha da silva! (*Para Rosinha e Perpétua.*) Também vieram cabalar?! Bravo! Gosto disto!

Chico Bento – Major, eu juro-lhe pelas cinzas de minha mulher... não, quero dizer...

Perpétua – Eu é isso lá?

Chico Bento – Erraris humanus és. Quero dizer, Perpétua, que juro, por tudo quanto há de mais caro neste mundo, que não me apanham noutra.

Perpétua – Oxalá que fiques curado.

Limoeiro – Se lhe parece, abandone-me e deixe-me aqui às moscas. Como já lhe dei a minha palavra e já está servido...

Chico Bento – Abandoná-lo? ... Lá isso não, porém...

Limoeiro – Porém o quê? Tenente-coronel, o lugar do soldado é no fogo!

Perpétua – No fogo?! Temos conversado. Chico, lembra-te que tens mulher e filha!

Limoeiro – Dona Perpétua, não me esfrie o homem! tenente-coronel, estamos perdidos e precisamos fabricar votantes, seja como for. (*Pensando.*) Espere, o Domingos votou uma vez só...

Chico Bento – Major, você ainda perde aquele negro, e olhe que ele é peçazinha que vale bem seus dois contos de réis.

Limoeiro – (*Que continua a pensar.*) Ah! Achei! (*Para Henrique.*) Ó rapaz, pois tu por aqui ainda, quando devias estar lá dentro a tomar conta da urna?!

Henrique – Estou ao lado da urna dos meus afetos.

Limoeiro – Deixa esta, que está segura, e vai tomar conta da outra, que está em perigo. Anda, vai. (*Para Rosinha e Perpétua.*) Minhas senhora, entrem para esta casa e não tenham receio.

Perpétua – (*Entrando com Rosinha.*) Chico, toma cuidado, não facilites.

Limoeiro – (*A Henrique que se dirige para a igreja.*) Manda-me cá o Domingos.

(*Henrique entra na igreja.*)

Cena XII
Chico Bento, Limoeiro e Domingos

Chico Bento – Major, quer aceitar um conselho? Res tua agitur.

Limoeiro – O que é, tenente-coronel?

Chico Bento – A capangada está bravia; mande o Domingos para a fazenda e vamos nos arranjar com os votantes que temos. Olhe que naquela refrega o João Correa ficou sem uma orelha, o Flávio perdeu dois dentes da frente, eu levei um cascudo e o major viu-se em papos de aranha.

Limoeiro – Mas ainda não desanimei.

Domingos – (*Saindo da igreja.*) Estou aqui, sim sinhô.

Limoeiro – Estás machucado?

Domingos – Não, sinhô. Levou só porretada na cabeça; pau quebrou mas cabeça não.

Chico Bento – Imibus!

Limoeiro – Prepare-se, que tem de votar mais uma vez.

Domingos – Domingos está pronto para votar quantas vezes sinhô quiser.

Chico Bento – Isto não é negro; é um precipício!

Limoeiro – Entre ali naquela casa, (*Indica a casa da esquerda.*) peça uma casaca a seu Zé Franco, calce uma botas, diga a seu Teles que lhe corte esta carapinha, e que lhe empreste umas barbas.

Domingos – Sim, sinhô.

Limoeiro – Amarre um lenço ao pescoço e depois venha falar comigo. (*Domingos sai.*)

Cena XIII
Chico Bento, Limoeiro e depois Pascoal Basilicata

Chico Bento – Major! ... Major!

Limoeiro – O seu compadre não pode votar ainda uma vez?

Chico Bento – Olhe que ele já votou quatro vezes!

Limoeiro – E o que tem isto? Quando a lei decretou que houvesse três chamadas, foi para que o cidadão votasse pelo menos três vezes. Vejamos a lista dos votantes. (*Limoeiro e Chico Bento consultam, lendo a lista.*)

Pascoal – (*Entrando com uma tábua ao ombro, na qual se vêem bonecos, cachorros, vasos, papagaios e santos de gesso.*)

Io sono mascati
Comprate signori
Uceli, macachi
E meie vasi de fiori

Com quello que ganho
No ganho niente,
Perche non guadagno,
Ne centro per cento.

I sono mascati, etc., etc.
Nom volete comprare qualche cosa?
Abbiamo cavalli, cani, gati, ogni santi del
Paradizo, vasi di fiori.
Vê-lo dono per pouco danaro.

Limoeiro – (*Para Chico.*) Oh! Que idéia luminosa! Que famoso achado! Tenente-coronel, este italiano é um diamante que nos caiu do céu.

Chico Bento – Major, eu tremo de adivinhar o que lhe passa pela cabeça.

Limoeiro – (*A Pascoal.*) Ó Monsiú!

Pascoal – Cosa vuole?

Limoeiro – Como se chama você

Pascoal – Pascoale Basilicata, humilíssimo servitore di lei.

Limoeiro – Pois, senhor monsiú Basilicata, você está disposto a mudar de nome por cinco minutos?

Pascoal – Cambiare mio nome?

Limoeiro – (*A Chico Bento.*) Cambiar, não sei o que é. (*A Pascoal.*) Não se trata de câmbio, de trocar dinheiro...

Chico Bento – Trata-se de trocar de nome, monsiú.

Pascoal – Ma, perchê trocare il mio nome?

Limoeiro – Usted não quer ganhar la plata?

Pascoal – Si, si, já. Ma chi me dona danaro?

Chico Bento – Aqui este monsiú.

Pascoal – Está bene; cosa devo fare?

Limoeiro – Usted larga el tableiro aqui com tutas las bugigangas, está entendendo? Toma isto (*Mostra a lista.*) e, quando o chamarem ali, da aporta da igreja, entra e mete este papel nel buraco del caixone, que está em cima della mesa. Ponha sentido no seu nome.

Pascoal – Si sinfore.

Limoeiro – O seu nome é Albino Catalão Carapuça dos Enjeitados. Repita.

Pascoal – Alano, Catabine, Caranjolle do Singipuça.

Limoeiro – Não, não é isto. Albino Catalão Carapuça dos Enjeitados.

Pascoal – Babibo...

Chico Bento – Não é Babibo; é Albino.

Pascoal – Albino.

Limoeiro – catalão.

Pascoal – Tacalão.

Limoeiro – (*A Chico Bento.*) O diabo do carcamano tem cabeça de barro, como a dos cachorros que vende.

Chico Bento – O essencial é que ele acuda à chamada.
Pascoal – Seguro, senhora; mas quanto ganho?
Limoeiro – Ganha vinte mil réis.
Pascoal – O senhora podia dar um pouco mais.
Limoeiro – Não tem que pagar; com vinte mil réis está muito bem pago.
Pascoal – Vá bem, senhora.

Cena XIV **Os mesmos e Domingos**

Domingos – (*De casaca, completamente transformado.*) Domingos está pronto, sim senhor.
Limoeiro – E então, tenente-coronel, veja só como está o negrinho!
Chico Bento – (*Vendo Domingos com os braços semiabertos.*) Parece que ele quer voar.
Domingos – É casaca, que está muito pretada debaixo do braço, sim senhor.
Limoeiro – (*A Domingos.*) Você há de votar mais tarde; por ora o que tem que fazer é acompanhar este senhor até a igreja. Não me saia de lá enquanto ele não tiver votado.
Domingos – Sim senhor. (*Para Pascoal.*) Vamos, senhor. (*Entram os dois na igreja.*)

Cena XV **Limoeiro e Chico Bento**

Chico Bento – Está me parecendo que o tal carcamano não dá conta da empreitada.
Limoeiro – Olé se dá! Aquilo é pássaro bisnau!
Chico Bento – Será bom mandar dizer à capangada que esteja alerta.
Limoeiro – Não se incomode; ela está bem industriada. Mas tem-se trabalhado bonito, hein, tenente-coronel?!
Chico Bento – Nem por isso. Nas eleições passadas fizemos mais e não houve tanto barulho. Só o defunto Matias sacristão votou seis vezes.
Limoeiro – Isto lá pelo seu lado; porque pelo de cá foram cinco, batidinhas, dadas por mim. Se ele ainda fosse vivo... Coitado, Deus ponha a sua alma em bom lugar!
Chico Bento – Pobre Matias! Pallidus mortis equis expulsat pedibus tabernas...
Limoeiro – Foi mesmo a taverna que o levou. Mas deixemos coisas tristes e pensemos nos que estão vivos.

Cena XVI **Os mesmos e Henrique**

Henrique – (*Saindo apressado da igreja.*) Meu tio? Meu tio?
Chico Bento – O que é? Alguma novidade?!
Henrique – Estamos perdidos!
Limoeiro – Perdidos?!
Henrique – Irremediavelmente perdidos!
Limoeiro – Mas o que há? Explica-te, rapaz!
Henrique – Nada mais, nada menos, que uma conspiração dos descontentes, para roubar a urna e levar tudo a ferro e fogo.
Limoeiro – Quem te disse isto?
Henrique – O João Correa.
Limoeiro – E como foi que ele soube?
Henrique – Apanhando na sacristia este bilhete, que caiu do bolso de um votante.
Chico Bento – Deixe-me ver. (*Lendo.*) Estamos traídos! O chefe do nosso partido está ligado com um membro do partido contrário. Às duas horas em ponto estejam todos no coro, pontos para o que der e vier.

É preciso a todo o custo quebrar a urna e mandar ao diabo esta eleição. Os escravos da fazenda de Dona Miquelina estão a postos.

Limoeiro – Mas a quem foi dirigido este bilhete?

Henrique – Não se sabe.

Chico Bento – Que horas são, major?

Henrique – Uma hora e três quartos.

Chico Bento – É tempo de salvar a mulher e a menina que ali estão. (*Vai a sair.*)

Limoeiro – Não senhor, espere. Agora é que mais precisamos da sua presença.

Cena XVII

Limoeiro, Chico Bento, Henrique, Povo, 1º Votante, Arranca-Queixo, 3º Votante, Gregório, Custódio, Pé-de-Ferro, Rasteira-Certa, Pascoal, Rosinha e Perpétua

Povo – (*Saindo da igreja.*) É um desaforo! É um desaforo!

Custódio – Deixem o cidadão votar!

Chico Bento – Estamos perdidos!

Povo – Fora! Fora! Fora!

1º Votante – É estrangeiro!

Arranca-Queixo – É cidadão brasileiro tão bão como tão bão.

Pascoal – Si sinhori, sono brasileiro.

Povo – Morra o engraxate! Morra!

Limoeiro – (*Gritando.*) Ordem, senhores! Perca-se tudo, mas salve-se a moralidade pública! Deixem o cidadão votar!

1º Votante – Não pode votar! É estrangeiro!

Limoeiro – É nosso compatriota. Foi um dos bravos da Campanha do Rosas, e lá perdeu a língua.

Povo – Haja! Haja! (*Trava-se uma luta de cacetadas; alguns seguram nos bonecos e cachorros de gesso e atiram às caras uns dos outros.*)

Chico Bento – (*Batendo com força na casa onde estão Rosinha e Perpétua.*) Abra esta porta, senhora!

Perpétua e Rosinha – (*De dentro.*) Misericórdia!

Chico Bento – Abram, pelo amor de Deus!

Perpétua e Rosinha – (*De dentro.*) Aqui d'el-rei!

Limoeiro – Ordem! Ordem! Paz! (*O barulho serena.*)

Pascoal – (*Com a cara ensangüentada.*) Vado a queixar-me a il mio consule.

1º Votante – Vamos para dentro, que este já não vota. (*Entram todos na igreja, menos Pascoal.*)

Cena XVIII

Chico Bento, Henrique, Limoeiro, Domingos e Pascoal

Pascoal – E miei figurini sono tutti quebrati. Bisonha pagare tutto.

Limoeiro – Sim, monsiú, deixa estar; tudo se arranja em paz.

Domingos – (*Saindo da igreja apressado.*) Meu sinhô? O negócio não está bom, não. Povo no coro da igreja está assim. (*Batendo na mão, fechada em forma de óculo.*) Tudo com pedras e porrete.

Limoeiro – (*Para Henrique.*) Vai para a igreja. (*Henrique entra na igreja.*)

Chico Bento – Não se afoite, doutor.

Limoeiro – (*A Domingos.*) Leva este homem para a botica, e manda-o depois para a fazenda.

Domingos – Ande, monsiú, venha lavar o nariz. (*Domingos sai com Pascoal.*)

Chico Bento – (*Batendo na porta da casa.*) Saia, senhora, aproveite a estiada.

Cena XIX

Chico Bento, Limoeiro, Rosinha e Perpétua

(*Saindo de casa.*)

Perpétua – Já não sinto as pernas.

Rosinha – (*Saindo.*) Tenho ferretoadas por todo o corpo. Parece que me sentaram em cima de um formigueiro.

Limoeiro – Formigas temos que ver agora.

Cena XX

Os mesmos, Povo, Henrique, Gregório, Custódio, Flávio marinho, 1º, 2º e 3º Votantes, Pé-de-Ferro, Rasteira-Certa, Arranca-Queixo, seis soldados

Povo – (*Dentro.*) Quebra! Quebra! (*Ouvem-se tiros dentro da igreja.*)

Perpétua – Misericórdia!

Rosinha – Me segurem, que senão eu caio com um ataque! (*Sai a urna, carregada pelo povo. Entram todos em grande desordem.*)

1º Votante – Vamos fazer a eleição em casa do 2º juiz de paz.

3º Votante – Apoiado!

Povo – Vamos! Vamos!

Henrique – Protesto, meus senhores. Deixem-me falar, em nome da lei e das garantias do cidadão, contra este ato iníquo, praticado contra a liberdade do voto.

1º Votante – Fora o doutorzinho!

Limoeiro – Perca-se tudo, senhores, mas salve-se a moralidade pública!

3º Votante – A eleição está viciada!

1º Votante – Levemos a urna para a casa do 2º juiz de paz.

Arranca-Queixo, Pé-de-Ferro e Rasteira Certa – Não vai! Não vai!

Perpétua – Ai! Ai! Ai! (*Cai nos braços de Chico Bento.*)

Chico Bento – Ainda mais esta.

Rosinha – Ui! Ui! Ui! (*Cai nos braços de Henrique.*)

Limoeiro – Não derramemos o sangue de irmãos. Faremos outra eleição aqui, e o governo decidirá quem tem razão.

1º Votante – Havemos de ver.

Coro –

Conduzamos esta urna
Bem longe da confusão,
Vamos ver outro juiz,
Que presida esta eleição.

Limoeiro –

Ameaças não me assustam,
Que eu não conto com bravatas;
Façam lá o que quiserem,
Que eu sou forte em duplicatas.

Coro –

Conduzamos esta urna
Bem longe da confusão,
Vamos ver outro juiz
Que presida esta eleição.

(*Cai o pano.*)

Ato Terceiro

A mesma cena do primeiro ato. À esquerda, uma mesinha com duas cadeiras e duas xícaras de café.

Cena I Rosinha e Perpétua

Rosinha – (*Zangada.*) Eu já não posso aturar este inferno!

Perpétua – Estás doida, menina?

Rosinha – Ora mamãe fala porque não ando com o pescoço direito; ora porque estou com a cabeça tora. No outro dia implicou com o meu vestido porque estava muito escorrido; agora porque está muito estufado... Hoje diz que falo assim... amanhã diz que falo assado... Eu não entendo.

Perpétua – Mas não vês, toleirona, que tudo o que te digo é para teu bem; que o Senhor Henrique...

Rosinha – Aí vem a maçada do Senhor Henrique. Já tardava! Desde que amanhece até que anoitece não se fala em outra coisa. É só seu Henrique! Almoça-se com seu Henrique, janta-se com seu Henrique, ceia-se com seu Henrique... Não sei o que se há de fazer mais com seu Henrique!

Perpétua – Uma menina, que está para tomar estado, minha filha, deve agradecer seu noivo.

Rosinha – Não temos agrados, nem meio agrados. Ele gostou de mim, eu gostei dele, está acabado. Nós vamos casar mesmo.

Perpétua – Não duvido; mas, mesmo depois de casada, terás ainda a obrigação de não aborrecer teu marido.

Rosinha – Se era preciso tanta história, por que é que não me avisaram logo? Eu dizia que – não-, e estava tudo acabado.

Perpétua – Mas tu não gostas tanto dele?

Rosinha – Gosto; porém não é para estarem a todo o momento em cima da gente... endireita esta fita... levanta a cabeça... abaixa o vestido, não pises como periquito, não rias tão alto... Que inferno!

Perpétua – Tolinha! Não sabes que a mulher de um doutor, que acaba de ser eleito deputado provincial, e que muito breve será ministro, deve ser uma moça bem educada, bem arranjadinha...

Rosinha – Aí temos outra! Pois a mulher de um deputado ou ministro não é o mesmo que as outras?

Perpétua – É verdade; porém é uma senhora que tem o dever de ser amável, de dar reuniões em sua casa, de lisonjear uns e outros, e de se apresentar sempre bem.

Rosinha – Não se incomode; eu hei de saber apresentar-me.

Perpétua – Está bem.

Cena II As mesmas e Limoeiro

Limoeiro – Ora vivam. O doutro ainda não chegou?

Rosinha – (*Contrariada.*) Ainda não.

Limoeiro – Olhem só como ela disse aquele – ainda não.

Rosinha – Uê! Chentes!

Limoeiro – Está se lendo mesmo naquela carinha rubicunda: - Tomara já que chegue o dia! Tomara já que chegue o dia!

Perpétua – É natural. Quando se ama...

Limoeiro – E creia, Dona Perpétua, não é por ser o rapaz meu sobrinho, sua filha fica muito bem servida.

Perpétua – E se assim não pensasse, não consentiria em tal união.

Limoeiro – Moço, rico, talentoso, deputado provincial aos vinte e quatro anos, futuro representante da nação aos vinte e cinco, futuro ministro aos vinte e seis, futuro chefe de partido aos trinta e futuro senador do império aos quarenta! Quando penso no futuro mais que perfeito que lhe está reservado, quase que enlouqueço de prazer! Olhe, se eu fosse pai, e tivesse seis filhas, dava-lhas todas.

Rosinha – Credo!

Limoeiro – (*Tirando um jornal do bolso.*) Vejam o que diz este jornal. (*Lendo.*) “Parabéns aos nossos comprovincianos. Acaba de ser eleito deputado provincial pelo 3º distrito o Senhor Doutor Henrique da Costa Limoeiro, uma das mais esplêndidas esperanças da sua terra natal. A atitude nobre, sustentada por sua excelência, nas últimas eleições, defendendo o voto livre e as garantias constitucionais contra os botes da anarquia, foi felizmente recompensada pelos dignos eleitores, que souberam colocar-se na altura de tão nobre missão.” Hein? o que dizem a isto?

Rosinha – É por isso que ele está tão cheio de vento.

Limoeiro – Como cheio de vento?

Rosinha – Porque há dois dias que não nos aparece lá em casa.

Limoeiro – Pois se o rapaz nem tempo tem para se coçar! Estes dias têm sido pouco para escrever cartas de agradecimento aos eleitores e aos amigos. O tenente-coronel ainda não veio?

Perpétua – Está lá dentro. Menina, vai chamá-lo. (*Rosinha sai.*)

Cena III

Chico Bento, Dona Perpétua e Limoeiro

Limoeiro – Dona Perpétua, foi um verdadeiro triunfo!

Perpétua – Mas um triunfo que nos ia custando bem caro.

Limoeiro – Não se apanham trutas a bragas enxutas.

Chico Bento – Se valis bene, ego quid valis. Como vai esta bizarria?

Limoeiro – Como vê: alegre e satisfeito. Temos que tratar de negócios de alta mont.

Chico Bento – Senhora Dona Perpétua, oculos ruorum.

Perpétua – Tu nunca tiveste segredos para comigo.

Limoeiro – A seu tempo sabê-lo-á, minha senhora. (*Perpétua sai.*)

Cena IV

Limoeiro e Chico Bento

Limoeiro – Tenente-coronel, as coisas têm marchado de modo tal que, quando penso nas dificuldades com que lutamos e nos resultados que obtivemos, digo a mim mesmo : “Seu major, você é um homem da pele dos diabos.”

Chico Bento – Pois olhe, eu vi o negócio quase perdido.

Limoeiro – Fez-se a duplicata, foi aprovada pelo poder competente, votou o Domingos, o seu compadre votou cinco vezes...

Chico Bento – Pena foi que não votasse o carcamano.

Limoeiro – Mas há de votar na próxima eleição. Instalei-o aqui e já está principiando a tomar língua. O nosso doutor obteve carga cerrada, foi o primeiro deputado da combinação, e talvez seja o presidente da salinha. Que carreira de rapaz, meu Deus!

Chico Bento – E quanto à deputação geral?

Limoeiro – Foi justamente para tratar deste negócio que vim procurar o meu amigo.

Chico Bento – O major manda e não pede.

Limoeiro – É preciso que combinemos a maneira de arredar qualquer dificuldade. Além do interesse que temos, lá diz o ditado que duas cabeças valem mais do que uma.

Chico Bento – *Todis capitis, todis sentencie.*

Limoeiro – Portanto, é preciso que o tenente-coronel por sua parte escreva aos seus amigos, que eu cá pela minha tratarei de fazer o mesmo. E creia que não tenho cochilado. *Veja isto. (Mostra o jornal.)*

Chico Bento – (*Lendo.*) Bravo.

Limoeiro – Pois olhe, foi feito cá pelo degas e corrigido pelo Custódio, o nosso professor público. Se aquele diabo compreendesse tudo o que lê, ninguém podia com ele.

Chico Bento – *Legeris et non intelligeris est negligeris.* Pois, meu major, fique sabendo, que não me leva as lampas, porque também mandei escrever o meu artiguito, que a esta hora já deve estar publicado na *Voz da Verdade* de que sou humilde assinante. Eis o rascunho.

Limoeiro – Leia lá isso, tenente-coronel.

Chico Bento – Tu Marcellus eris!

Limoeiro – Marcelo, não. É Henrique.

Chico Bento – Não, isto é cá o latinório. (*Lendo.*) “Já não pertence à classe dos homens vulgares o Doutor Henrique da Costa Limoeiro! Sua família...”

Limoeiro – Homem, isto está com ares de discurso de defunto.

Chico Bento – Pois olhe, foi escrito por um homem bem vivo e esperto; pelo nosso vigário! Ouça o resto. (*Lendo.*) “Sua família, transbordando de alegria, por vê-lo no número dos eleitos da província, agradece a

todos aqueles que o acompanharam em tão justa quão nobre pretensão. Fazemos votos para que tão pesado encargo lhe seja leve.” Hein? Que tal?

Limoeiro – O meu está muito melhor. Mas, deixemos o que está feito, e tratemos do que há a fazer. O rapaz é candidato à representação nacional. Segundo o trato que fizemos, ele tem de ser recomendado por ambos os partidos. O tenente-coronel apresenta-o pelo lado conservador...

Chico Bento – E o major recomenda-o pelo lado liberal.

Limoeiro – Justamente.

Chico Bento – Mas, pensando bem, o meu amigo não julga que isto poderá comprometer o nosso candidato? Eu achava melhor que ele aceitasse, por ora, um partido – o que está no poder, por exemplo, e que mais tarde, conforme o jeito que as coisas tomasse, ou ficasse naquele, ou fosse para o outro que tivesse probabilidade de subir.

Limoeiro – Tá, tá, tá.

Chico Bento – Na sua circular ele tem que apresentar um programa. Neste programa há de definir as suas idéias...

Limoeiro – E o que tem as idéias com o programa, e o programa com as idéias? Não misture alhos com bugalhos, tenente-coronel, e parta deste princípio: o programa é um amontoado de palavras mais ou menos bem combinadas, que têm sempre por fim ocultar aquilo que se pretende fazer.

Chico Bento – Porém cada partido tem a sua bandeira...

Limoeiro – Aqui para nós, que ninguém nos ouve, tenente-coronel, qual é a bandeira do seu?

Chico Bento – A bandeira do meu é... Quero dizer...

Limoeiro – Ora eis aí! Está o tenente-coronel com um nó na garganta. Meu amigo, eu não conheço dois entes que mais se assemelhem que um liberal e um conservador. São ambos filhos da mesma mãe, a senhora Dona Conveniência, que tudo governa neste mundo. O que não pensar assim deixe a política, vá ser sapateiro.

Chico Bento – O major fala como um pregador ex-cathedra!

Limoeiro – O rapaz portanto, não se apresentando nem por um lado, nem por outro, fica no meio. Do meio olha para a direita e para a esquerda, sonda as conveniências, e no primeiro partido que subir encaixa-se muito sorratamente, até que, ainda este, ele possa escorregar para o outro que for ao poder.

Chico Bento – Sim, senhor.

Limoeiro – Vai ver como as coisas se arranjam. (*Assobiando.*) Domingos? (*Entra Domingos.*) Depressa papel, pena e tinta. (*Domingos sai.*) Sente-se o tenente-coronel ali naquela mesa, e vá escrevendo o que eu for lhe ditando.

Chico Bento – (*Sentando-se à mesa.*) Pronto. (*Domingos extra e põe o papel, o tinteiro e a pena em cima da mesa e tira as xícaras.*)

Limoeiro – Ilustríssimo Senhor – Esta tem por fim recomendar-lhe muito especialmente o Doutor Henrique da Costa Limoeiro. Vírgula... Que pretende uma cadeira no seio da representação nacional. Ponto.

Chico Bento – Agora é preciso enumerar as virtudes do doutor, suas aptidões, seu talento brilhante...

Limoeiro – Deixe o negócio por minha conta... (*Continuando com ênfase.*) Sim!... Não... quero dizer...

Chico Bento – Em que ficamos? Sim ou não?

Limoeiro – Risque este sim.

Chico Bento – E deixo o não?

Limoeiro – Não; risque ambos.

Chico Bento – Mas eu ainda não escrevi ambos!

Limoeiro – Ora... Risque tudo.

Chico Bento – Desde o princípio?

Limoeiro – Não; o sim – e o não.

Chico Bento – Ah! Já sei.

Limoeiro – (*Continuando com ênfase.*) O Doutor Henrique da Costa Limoeiro é destas estrelas, luminosas que raiaram... que raiaram... (*Mudando de tom.*) Espere lá, deixe-me ver uma frase, dessas de estrondo. Ah! (*Com ênfase.*) Que raiaram no horizonte do Brasil para mudar a face dos nossos acontecimentos políticos. (*Mudando de tom.*) Bravo, seu Limoeiro. Já escreveu?

Chico Bento – Ticos.

Limoeiro – Ticos?!

Chico Bento – Sim, políticos.

Limoeiro – (*Com ênfase.*) Destinado a representar um papel brilhante entre os seus concidadãos, o Doutor Henrique Limoeiro promete... (*Mudando de tom.*) Vejamos agora o que ele há de prometer.

Chico Bento – Ó copos hic labor esdis.

Limoeiro – É preciso que ele prometa o que se pode prometer, sem comprometer-se. Vamos lá. (*Com ênfase.*) O Doutor Limoeiro promete...

Chico Bento – Já está escrito.
Limoeiro – (*Com ênfase.*) Retalhar a província...
Chico Bento – Menos essa!
Limoeiro – (*Com ênfase.*) Com uma grande rede de estradas de ferro, vírgula. Bondes... Bibliotecas...
Chico Bento – Retalhar a província com bibliotecas?
Limoeiro – Não, não é isso. (*Com ênfase.*) – Bondes e estradas vicinais. (*Mudando de tom.*) Aí pode pôr um ponto de admiração. (*Com ênfase.*) Proteger a lavoura...
Chico Bento – E o elemento servil? Aí é que eu quero ver-lhe a habilidade.
Limoeiro – Não, não se fala nisto. Deus nos livre. (*Continuando.*) – Proteger a lavoura...
Chico Bento – Já está escrito.
Limoeiro – Animar as indústrias, o comércio...
Chico Bento – Comércio tem vírgula ou dois pontos?
Limoeiro – Arrume-lhe ponto e vírgula. (*Continuando.*) Acoroçar as artes e as letras...
Chico Bento – A co có ro ró ri... Bonito, escrevi carçoço.
Limoeiro – E a instrução pública, criando escolas noturnas de duas em duas léguas. (*Mudando de tom.*) Isto deve ser grifado.
Chico Bento – Isto deve ser grifado.
Limoeiro – Não, não é isto; não escreva, grife.
Chico Bento – Grife.
Limoeiro – Grifo é isso. (*Pega da pena e risca o papel.*)
Chico Bento – Então, por que não disse logo – risque por baixo?
Limoeiro – Onde é que tínhamos ficado?
Chico Bento – Criando escolas noturnas de duas em duas léguas. (*Em outro tom.*) Mas para que tanta escola, se não temos gente?
Limoeiro – É para acompanhar a moda. (*Com ênfase.*) As suas idéias políticas visam tão somente o progresso do Brasil, escudado na ordem e liberdade bem entendida. (*Mudando de tom.*) Vê isto? Progresso, ordem, liberdade... liberdade, ordem, progresso. Aí está o programa perfeitamente definido. Agora termine dizendo: o Doutor Limoeiro é deputado provincial pelo 3º distrito; espero que o amigo recomende-lo a todos os seus amigos e mande-me as suas ordens. Sou etc., etc. E passe-me para cá para mandar tirar umas cópias.
Chico Bento – Que efeito isto não vai produzir entre os conservadores!
Limoeiro – Muito maior efeito ainda produzirá no ânimo dos liberais!
Chico Bento – Aqui tem. (Dá a Limoeiro.)
Limoeiro - Agora é não perder tempo.

Cena V Os mesmos e Henrique

Henrique – (*Zangado, com um jornal na mão.*) Bom dia, meu tio. Como tem passado, senhor tenente-coronel?
Limoeiro – O que tens? Estás com a cara tão enfarruscada.
Henrique – Veja isto. (*Mostra o jornal a Chico Bento.*)
Chico Bento – (*À parte.*) O meu artigo.
Henrique – Eu só desejava saber qual foi o burro que escreveu esta série de sandices.
Limoeiro – (*Vendo o jornal.*) Foi o tenente-coronel.
Chico Bento – Está enganado; não fui eu, foi o vigário.
Henrique – Pois hei de dar-lhe os meus sinceros agradecimentos.
Limoeiro – Asneira no caso; vais açular o homem contra ti, e perderás toda a votação do colégio.
Henrique – E que me importa a mim a votação do colégio?
Limoeiro – Verdade é que serás bem recomendado pelos outros...
Henrique – Maldita seja a hora em que se lembraram de meter-me em semelhante comédia.
Limoeiro – Ó rapaz, tu perdeste o juízo?
Henrique – Acabo de sair dos bancos da academia, do meio de uma mocidade leal e generosa, cheio de crenças, sonhando a felicidade de minha pátria, e eis que de chofre matam-me as ilusões, atirando-me no meio da mais horrível das realidades deste país – uma eleição, com todo o seu cortejo de infâmias e misérias.
Limoeiro – E ainda em cima te revoltas, tu, que começaste por onde os outros acabam!

Henrique – Não comecei, meu tio, acabei; porque o quadro que se desenrolou ante os meus olhos foi de tal natureza, que sufocou-me no peito as aspirações de moço e patriota.

Limoeiro – E então, tenente-coronel, o que diz a isto?

Chico Bento – Estou abismado.

Henrique – Se queriam fazer de mim um político, por que desiludiram-me tão cedo? Por que não deram-me gota a gota o veneno?

Limoeiro – Então, não pretendes ir à assembléa?

Henrique – Não, senhor.

Limoeiro – Mas, rapaz, como combinar esta série de disparates que estás dizendo agora, com o que fizeste nas eleições?!

Henrique – Não me recorde esta página negra; foi uma loucura; passou.

Limoeiro – Então?

Chico Bento – Pois o senhor não tem a ambição de representar o seu país?

Henrique – E o senhor chama isto representar o país? O que é que eu represento? Quais são as minhas idéias? A que partido estou filiado? Que solução posso dar a todos os grandes problemas sociais que se agitam presentemente?

Limoeiro – Porém...

Henrique – Formado apenas há dois meses, sem experiência de vida, sem a mais pequena noção dos negócios públicos, o que vou fazer na Câmara? O papel triste e ridículo de um filhote, apresentado por um tio liberal e um futuro sogro conservador. Que manancial fecundo para os folhetins dos jornais de opposição!

Limoeiro – E os outros não começam por filhotes?

Cena VI

Limoeiro, Chico Bento, Henrique e Rosinha

Rosinha – Bom dia, Senhor Henrique. Por onde tem andado? Há dois dias que não o vejo.

Henrique – Não me crimine.

Limoeiro – (*A Henrique.*) Ainda não foste falar com Dona Perpétua. Vai cumprimentá-la, anda.

Rosinha – Eu vou chamá-la.

Henrique – Com licença. (*Sai.*)

Limoeiro – (*Baixo a Chico Bento.*) Vá também, tenente-coronel; deixe-me só com sua filha. (*Chico Bento sai.*)

Cena VII

Limoeiro e Rosinha

Limoeiro – Fique, minha menina, preciso falar-lhe em particular.

Rosinha – O que quer?

Limoeiro – Promete-me que é capaz de fazer uma coisa que lhe vou pedir?

Rosinha – Uê chentes! Se eu não sei o que é como posso prometer?

Limoeiro – Trata-se da felicidade da menina, de Henrique, de sua mãe, de seu pai, de mim, de todos nós, enfim.

Rosinha – Sendo assim, prometo.

Limoeiro – Henrique está com os miolos virados e quer, a todo o transe, abandonar a carreira que tão brilhantemente começa agora.

Rosinha – Por quê?

Limoeiro – Eu sei lá! Porque está com a cabeça cheia de poesia, e entende que este mundo deve ser governado a seu jeito. Compete agora à menina, que soube prendê-lo pelos dotes do coração, dissuadi-lo destas tolices e mostrar-lhe o bom caminho.

Rosinha – Se estiver nas minhas mãos...

Limoeiro – Está, está. E a menina tem também o maior interesse nisto. Irá para a corte, terá ricos vestidos, bonitas jóias, aparecerá nos grandes bailes, freqüentará todos os teatros, divertir-se-á, enfim, como uma verdadeira princesa.

Rosinha – Ora! Eu ouço dizer que lá na Corte há tanta impostúria...

Limoeiro – Isto dizem, da boca para fora, aqueles que lá vão sem dinheiro e que não podem gozar de todos os encantos de uma grande capital.

Rosinha – Mas há mesmo muitos bailes?

Limoeiro – A menina faz lá idéia! São cinco e seis por dia!

Rosinha – Muitos teatros?

Limoeiro – Não tem conta.

Rosinha – Há cavalinhos também?

Limoeiro – Há tudo, tudo; não falta nada, além disso, andará de carruagem, puxada por lindos cavalos...

Rosinha – Chii!!! Deve ser muito bom! Se a gente no carro-de-boi vai tão ao seu gosto, quanto mais numa carruagem!

Limoeiro – E que carruagem! Toda envernizada, com quatro rodas, estofadas de seda...

Rosinha – Que belo!

Limoeiro – E a rua do Ouvidor?

Rosinha – A prima Maricota disse-me que era uma coisa de pôr a gente de queixo caído.

Limoeiro – É um céu aberto! De noite, nem falemos. É clara como o dia e tem mais gente que o arraial no dia de festa de Santo Antônio. A menina só de braço com seu marido, para baixo e para cima, a comprar uma jóia aqui, ali um vestido, acolá um chapéu, e todos a perguntarem: quem é aquela moça? Que peixão! Pois não conheces? É a mulher do Deputado Limoeiro. Há nada que pague isto?

Rosinha – Eu quero ir para a Corte, eu quero ir para a Corte! Nunca ninguém falou-me deste modo.

Limoeiro – É porque nunca disseram-lhe a verdade.

Rosinha – Vou já falar com Henrique, e não sossego enquanto ele não prometer que há de ir para o Rio de Janeiro.

Limoeiro – Como deputado, está visto.

Rosinha – Aí vem ele..

Limoeiro – Aperte-o . (*Sai.*)

Cena VIII **Rosinha e Henrique**

Henrique – Esperava-a lá dentro ; não sei por que não veio ver-me.

Rosinha - Conversava com seu tio.

Henrique – E o que lhe disse ele?

Rosinha – Falava do senhor, como sempre.

Henrique – Por que tratas-me por senhor, quando nossas almas terão de unir-se dentro em pouco, na mais completa intimidade?

Rosinha – É porque a gente tem vergonha.

Henrique – Se tu soubesses como me cativas de dia em dia com esta singeleza!

Rosinha – É que eu sou uma pobre moça da roça, não tenho educação...

Henrique – E que importa a educação, quando Deus mimoseou-te com todos os predicados de um anjo!

Rosinha – Ora está; eu sinto o mesmo que o senhor sente; mas infelizmente não posso dizer tanta coisa bonita.

Henrique – Mas tu falas com o cração, e eu sinto-lhe o perfume na candura de tuas expressões.

Rosinha – O senhor ama-me muito?

Henrique – Ainda o duvidas?

Rosinha – É capaz de fazer uma coisa que lhe vou pedir?

Henrique – O que pedirás tu que eu não deva fazer?

Rosinha – Veja bem; promete?

Henrique – Prometo e até juro.

Rosinha – Eu queria ir para a Corte.

Henrique – E que dúvida há nisto? Pensas porventura que desejo enterrar a tua e a minha mocidade nestas brenhas? Passaremos aqui a nossa lua-de-mel; partiremos depois para o Rio de Janeiro, e mais tarde iremos ver o velho mundo, que é o objeto constante dos meus sonhos.

Rosinha – Há, porém, uma condição em tudo isso.

Henrique – Qual é?

Rosinha – É que desejo ir como a mulher do senhor Deputado Limoeiro.

Henrique – Por que me falas de política quando falo-te de amor?

Rosinha – Porque a política dar-te-á a posição, e eu quero ver-te um grande homem.

Henrique -Compreendo. Meu tio, depois de haver tentado plantar em meu peito a ambição, procura agora arraigar no teu a vaidade! Se o não estimasse como um verdadeiro pai, e se não visse que tudo quanto ele tem feito é com as melhores intenções, diria que a serpente procura Eva para tentar Adão.

Cena IX

Os mesmos e Limoeiro , que deve estar ouvindo ao fundo.

Rosinha – Lembre-se, porém, que prometeu...

Henrique – E a minha palavra não volta atrás. Partirei como deputado, e envidarei todos os esforços para bem cumprir os meus deveres.

Limoeiro – (*Ao fundo.*) Bravo!

Henrique – Levo, porém, desde já a convicção de que a descrença, mais tarde ou mais cedo, far-me-á tragar a taça dos dissabores. E então para onde apelar?

Rosinha – Para este coração que te adora.

Henrique – (*Abraçando-a .*) Rosinha, és um anjo!

Limoeiro – Vitória! Vitória!

Cena X

Chico Bento, Perpétua, Limoeiro, Henrique e Rosinha

Chico Bento – Que alegria é esta, major?!

Limoeiro – Veja aquele quadro; o rapaz está ali, está deputado.

Chico Bento – Peço a palavra, pela ordem.

Henrique – (**Rindo.**) Tem a palavra o Tenente-Coronel Chico Bento.

Chico Bento – Senhor presidente, pedi a palavra para dizer...

Limoeiro – Apoiado! (*Ouve-se dentro o som de uma banda de música.*)

Perpétua – Que música é esta?

Limoeiro – Uma manifestação ao nosso deputado.

Cena IX

Os mesmos, Custódio, Flávio Marinho, Arranca-Queixo, Rasteira-Certa, Pascoal Basilicata, Pascoal Basilicata, 1º Votante, 2º Votante e mais pessoas do povo, precedidas de uma banda de música e foguetes.

Custódio – Viva o Doutor Limoeiro!

Todos – Viva!

Flávio – Viva o legítimo deputado!

Todos – Viva!

Custódio – Meus senhores, este dia assinala uma época gloriosa nos fastos...

Flávio – (*Baixo, lendo um papel, por detrás de Custódio .*) Nos fastos da nossa história.

Custódio – Nos fatos da nossa história. Sois vós o nosso legítimo representante, a nossa glória, o nosso porvir. Avante, cidadão prestimoso...

Flávio – (*Baixo.*) Não; não é isto. Ah! é, é.

Custódio – E que as bênçãos da pátria caiam sobre vós. Viva o Doutor Limoeiro!

Todos – Viva!

Cena XII
Os mesmos e Domingos

Domingos – Meu sinhô; se vosmecê nos dá licença, nós vem saudar também sinhozinho com a nossa festa.

Limoeiro – Chegaste a propósito. (*Com ar solene.*) Domingos, de hoje em diante serás um cidadão livre. Aqui tens a tua carta, e na minha fazenda encontrarás o pão e o trabalho que nobilita.

Domingos – (*Ajoelhando-se a abraçando as pernas de Limoeiro.*) Meu senhor!

Limoeiro – Levanta-te. (*Levanta-o e dá-lhe um abraço.*) Venha agora a festa. (*Entram os negros e negras e dançam o batuque.*)

FIM